

Moda afro-brasileira: as abordagens da inspiração africana refletida na moda Brasileira.

Patrícia Helena Campestrini Harger(UTFPR)

Tamissa Juliana Barreto Berton (UTFPR)

Introdução

Com o processo de evolução das sociedades, os negros foram assimilando a nova condição e novos costumes, se estabelecendo aos poucos na sociedade, influenciados pela cultura africana e brasileira, formando, assim, uma cultura própria, que podemos chamar de afro-brasileira. Assim, trouxeram de sua origem a dança, o ritmo, as cores, o brilho e os adornos, que estão presentes na moda afro-brasileira.

Destacamos a existência de uma identidade afro-brasileira na moda, mostrando o valor da cultura negra, que faz parte da cultura brasileira, e até então, era pouco explorada e pouco conhecida. Em um país onde a população negra compreende mais da metade do total, os elementos de consumo afro-brasileiros deveriam ter mais destaque no mercado nacional. Devemos assim considerar a trajetória do negro no Brasil, pensando nas suas origens africanas e a assimilação de novos costumes ao longo dos anos, assim retratando a percepção do ser negro diante de uma sociedade “branca”.

Como afirma Ferreira (2000, p.47) a referência de identidade em torno da qual a pessoa se constitui tem um papel decisivo para o desenvolvimento da identidade do afro-descendente em uma comunidade hegemônica de valores “brancos”.

Portanto é necessário estudar aspectos relativos à cultura afro-brasileira, que carrega os pilares da cultura brasileira, destacando a moda como importante meio transmissor dessa cultura.

Existem poucas marcas de moda direcionadas especificamente aos afro-brasileiros no Brasil, o que podemos observar são desfiles inspirados na cultura africana ao longo dos anos, mas ainda não existe a tradição de comercializar especificamente para o público afro-brasileiro, porém pode-se perceber um potencial significativo para este segmento de mercado. Por essa razão se faz necessário fomentar

discussões sobre o mercado étnico, para tornar a cultura afro-brasileira reconhecida.

Em novembro de 2012, aconteceu o I Seminário de Moda Afro-brasileira em São Paulo organizado pela Fundação Cultural Palmares (FCP) e pela Associação Nacional de Moda Afro (ANAMAB) contando com a participação de diversas personalidades que atuam nesse setor como, Makota Kizandembu (Mestre em Indumentária Africana/BH), Goya Lopes (Designer e Empresária/Bahia), Fátima Negrann (Empresaria de Moda/RJ), Graça Santos (Instituto N'zinga de Estética/BSB) e Édson Luiz (CEABRA /SP), que desde 2010, vem mapeando a produção de moda afro no país.

Este escopo pretende mostrar os elementos que fazem referência à moda afro-brasileira, e como as marcas atuais conseguem transmitir essa influencia de matriz africana.

Assim é importante observar toda a trajetória da cultura negra dentro do Brasil, lembrando o panorama socioeconômico da população negra no passado, que trouxe consequências que nos dias atuais são relacionados à pobreza e às desigualdades de oportunidades.

RIBEIRO (1995) destaca a dificuldade da integração dos negros com a sociedade brasileira lembrando que eles se viram obrigados a assimilar a cultura branca da época:

[...] “ao lado de outros escravos, seus iguais na cor e na condição servil, mas diferentes na língua, na identificação tribal e frequentemente hostis pelos referidos conflitos de origem, os negros foram compelidos a incorporar-se passivamente no universo cultural da nova sociedade” (RIBEIRO, 1995, p.115).

Nesse sentido observa-se a dificuldade de inserir produtos específicos ao público negro em um mercado de moda que está acostumado a ter modelos brancas como principal representante de uma classe de consumo ou de desejo. Esse fato justifica-se em um estudo de comportamento de consumo do público negro, para se entender quais elementos, imagens ou símbolos são decisivos no momento em que o negro toma por escolha certo tipo de vestuário, cabelo ou acessório.

A moda afro-brasileira possui elementos que remetem às culturas passadas dos negros, uma mistura de elementos africanos com brasileiros, portanto, assim como o candomblé e a capoeira se tornaram símbolos de cultura nacional, a moda afro-

brasileira está em expansão e existe um grande potencial de exploração para esse mercado.

Consumo de Moda

“Pensar a moda requer não apenas que se renuncie a assimilá-la a um princípio inscrito necessária e universalmente no curso do desenvolvimento de todas as civilizações, mas também que se renuncie a fazer dela uma constante histórica fundada em raízes antropológicas universais” (LIPOVETSKY, 1989 p.23).

Podemos nesse contexto observar que a moda não diz respeito somente ao vestuário em si, mas pode ser analisada sob diferentes óticas. Ao tratarmos do desenvolvimento das sociedades, mudanças tecnológicas, modernização e globalização, pode-se perceber o caráter dinâmico existente nas sociedades, o que não seria diferente na moda, que está em constante evolução.

A sociedade do consumo, segundo Barbosa (2010) pode ser dividida em duas análises, “a primeira o consumo como um signo repleto de valores e cargas emocionais, e a segunda divisão do consumo como feito de massas e para massas, o descarte de mercadorias e o ciclo da moda propriamente dito”.

Não podemos descartar a ideia de que a moda é um ciclo de consumo, em que as novidades entram no mercado, são dissipadas primeiramente pelas classes privilegiadas, um período depois chegam às classes intermediárias e fecham o ciclo quando a moda torna-se popular e acessível às classes mais baixas. Porém o objetivo é olhar a moda sob a ótica do consumo de elementos identitários da moda, ou seja, analisar os objetos que estão impregnados de significados que remetem às culturas, etnias, ideologias, ou mesmo a simples diferenciação propriamente dita. Pois todo consumo está ligado aos processos culturais.

A moda engloba não somente o vestuário em si, a peça de roupa, mas os acessórios, a forma de arrumar o cabelo, os gostos pessoais, o corpo e o comportamento. Na história da humanidade, o corpo foi recoberto de maneiras simultaneamente singulares e tribais de acordo com o tempo e o espaço, significando, quase sempre, os sentimentos da época. Esse é um dos motivos por que a moda foi uma referência obrigatória no início dos estudos da sociologia, permitindo, assim, inúmeras possibilidades de análise dos grupos sociais e das influências do meio sobre o indivíduo.

Ao analisarmos a moda, ou a forma como as pessoas se vestem, podemos notar a diferenciação por meio da roupa, o indivíduo busca na forma como se apresenta demonstrar que pertence a um determinado grupo. Podemos claramente observar através da indumentária as raízes da cultura pessoal, por exemplo, quando observamos mulheres com hijabⁱ, ou os colares de contas e vestidos brancos que as baianas usam, até mesmo o hábito das freiras, são algumas características que trazem a diferenciação por meio da roupa.

Jones (2005) fala que as pessoas se vestem igual para pertencerem ao mesmo grupo, mas ressalta que se vestir igual não significa estar com a mesma roupa para ser reconhecido, um grupo pode ter os mesmos hábitos de consumo, comprar nas mesmas lojas, mas nunca veremos duas pessoas vestidas de maneira idêntica.

Moda Étnica

A moda começou a ser um fator de distinção na metade do século XIV, quando os homens tinham vestimentas masculinas, com calças compridas, as crianças usavam calças curtas e as mulheres, vestidos e espartilhos. A roupa utilizada pela aristocracia se diferenciava das roupas das classes mais baixas, pelo requinte, cores, tecidos e rebuscamento. E assim se seguiu até a Revolução Industrial, quando as roupas começaram a ser produzidas em série, dando início ao *prêt-à-porter*ⁱⁱ.

Se antes da Revolução Industrial as formas de exposição na vida pública revelavam a posição social ocupada pelo indivíduo, sendo a roupa um referencial do status social denotado por uma pessoa, a partir do século XIX, com a emergência de novas tecnologias e estudos, as pessoas passaram a acreditar que suas roupas, seus gestos, seus gostos revelavam não mais sua classe social, mas sua personalidade, ou sua identidade pessoal.

MCCRACKEN (2003^a, *apud* DAVIDOVITSCH; SILVA, 2010) observou que é através do vestuário que se manifestam as culturas. Segundo MCCRACKEN (2003a, p. 88, *apud* DAVIDOVITSCH; SILVA, 2010), "o vestuário às vezes é a confirmação da mudança e, às vezes, aquilo que dá início a ela. [...] Algumas vezes é o instrumento de uma tentativa de dominação; outras, o arsenal da resistência e do protesto".

Baseado nas afirmações desses autores pode-se traduzir alguns valores que estão intrínsecos no modo de vestir e de apresentar o indivíduo diante da sociedade.

Através da moda podemos observar a formação de grupos que se identificam, o consumo pode ser, então, uma maneira de se fazer visto e ouvido, podendo ser tratado como um marcador étnico. Assim podemos destacar nesse meio a moda afro-brasileira, que busca na matriz africana a base para seu estilo.

Muitos consumidores se identificam com a cultura negra, fazendo com que o segmento ganhe maior visibilidade. A cultura negra vem se destacando, principalmente, por se tratar de uma cultura em que é muito forte a presença da dança, das cores, da religiosidade, dos ritmos e da alegria. Ainda é pouco explorado o universo da moda afro-brasileira.

“O corpo, nas sociedades africanas, tem um papel fundamental como suporte de signos, talvez por serem sociedades onde a cultura oral é predominante, o uso do corpo para enviar mensagens é fundamental, por meio das suas roupas e adornos representam e significam sua condição social e identitária. Tudo se combina para transmitir mensagens complexas sobre idade, estado, as fases da vida, a adesão de tribos ou grupos, poder e posição, riqueza, beleza e até mesmo a história pessoal” (SOUZA, 2011, p.4).

Ortiz (1986) destaca a indumentária utilizada nos rituais dos negros, salientando a riquíssima beleza e criatividade, observando o esforço para manter viva uma memória coletiva que preza o sagrado, mas são um movimento para o futuro. Assim, observamos o quanto esses costumes podem agregar valor, mesmo que cultural ao produto de moda.

Metodologia

Para a realização deste artigo, e para alcançar os objetivos propostos, a abordagem da pesquisa tem caráter qualitativo, pois o ambiente natural é a fonte para a coleta de dados.

A pesquisa é pautada na identidade afro-brasileira e seus objetos, seguida do estudo da moda afro-brasileira. Quanto aos fins, a pesquisa tem caráter explicativo, pois busca esclarecer a busca por elementos identitários na moda afro-brasileira. Para tanto a pesquisa de caráter bibliográfico compreende estudos de livros, monografias, teses, revistas, sites, dentre outros materiais. Para isso são necessários estudos que relacionem moda e identidades afro-brasileiras que será efetivado através da análise de desfiles realizados desde 2000 em um dos maiores eventos de moda do país, o São Paulo Fashion Week.

Procedimentos

Foram analisados todos os desfiles das principais marcas de moda do Brasil que participam do evento São Paulo Fashion Week (SPFW) desde o ano de 2000 e selecionados os que possuíam influência afro em sua abordagem temática.

Assim podemos perceber a presença da cultura afro-brasileira na moda, e mostrar seu potencial como identidade cultural e econômica.

Pesquisa

Atualmente é comum os estilistas destacarem em suas coleções estampas étnicas, estampas com inspirações africanas ou moda étnica, porém a cultura afro-brasileira começou a se tornar mais aparente no mercado de moda brasileiro a partir dos anos 90, quando revistas como “Raça Brasil”, dedicadas especificamente ao público negro começaram a ser comercializadas. Entretanto, ainda são poucas as marcas de roupas que se dedicam ao público negro no Brasil, podemos destacar algumas estilistas que tem um papel fundamental na inserção da moda exclusiva para os negros no Brasil, como Fatima Negrann e Goya Lopes, que conseguiram com seu talento o sucesso de suas marcas. Goya Lopes afirma que:

“A valorização da moda afro-brasileira é, antes de tudo, uma política de afirmação da identidade brasileira, porém, o reconhecimento ainda tem um longo caminho a percorrer. É necessário que o mercado, as instituições e o público reconheçam a moda afro-brasileira como influência da nossa cultura. Entretanto, o segmento ainda está muito longe de ser aceito dentro de um processo, porque ele exige uma produção, uma promoção, uma resposta positiva da mídia” (LOPES *apud* JARDIM, 2012).

Ao analisarmos os desfiles apresentados em um dos maiores eventos de moda brasileira o São Paulo Fashion Week desde o ano 2000, podemos destacar algumas marcas conceituadas que trazem em seu conceito os temas africanos, que remetem a afirmação dos valores da cultura afro-brasileira.

Foram reunidas imagens desses desfiles, onde conseguimos observar características étnicas, principalmente afro-brasileiras.



Figura 1: Desfiles do SPFW de 2003 à 2006 com influências étnicas.
Fonte: Elaborado pelo Autorⁱⁱⁱ

De 2003 à 2006, encontramos 6 estilistas que utilizaram essa influência em seus desfiles, pelo menos 4 destes aconteceram somente no ano de 2005. De acordo com a figura 1 analisaremos a seguir a influência étnica afro-brasileira.

A primeira coleção cujas referências se pautavam em etnias é do verão de 2003, pelo estilista Walter Rodrigues, onde o tema é *Primitive Couture*, utilizou-se elementos do artesanato brasileiro nas peças.

No ano de 2004 não existe nenhuma marca que tenha feito referência ao tema afro, já no verão de 2005 o famoso estilista Andre Lima, conhecido por seus vestidos estampados, traz em seus acessórios misturados a roupa elementos do candomblé, como figa, búzio e concha.

Segundo Souza (2011) existem elementos da cultura africana que são atribuídos de significados, podendo ser utilizados como elementos de proteção ou elementos propiciatórios, amuletos e talismãs respectivamente. Dentre eles estão: a figa, a

chave, a moeda, a romã, os cachos de uvas, o peixe, o coco de água, o cilindro, os dentes, entre outros.

Ainda no verão de 2005 a estilista Isabela Capeto utiliza em seu desfile estampas e batas com cores vibrantes fazendo alusão aos jovens africanos.

Outro estilista que também fez referencia a elementos da cultura afrobrasileira em seu desfile, foi Fause Hatén, que trouxe os vestidos das baianas, turbantes e colares.

Verifica-se tanto no desfile de André Lima quanto no de Fause Hatén, ambos em 2005, a existência das características da vestimenta da baiana, que para Cascudo (1988, p.94 *apud* SOUZA, 2011, p.11) seria a “indumentária que caracteriza a negra, a mestiça da capital baiana, tornando-se tradicional” e que segundo Lody (2003, p.220 *apud* SOUZA, 2011, p.11), “é uma designação geral para a composição de saia armada e longa, camisa, bata, turbante, chinelas e acessórios diversos”.

A marca Huis Clos, no mesmo verão do ano de 2005 apresentou elementos representantes da moda afro, como peças com muitas amarrações e nós, assim como as utilizadas pelos povos Africanos.

No inverno do ano de 2006, novamente o estilista Andre Lima utiliza a mistura de etnias como referencia a sua coleção.

Dividimos agora, do ano de 2007 à 2013, marcas e estilistas que utilizaram essas referências em seus desfiles no SPFW. Apenas em 2007 a influencia étnica foi utilizada em mais de uma coleção, sendo estas, a marca Ellus e o estilista Lino Villaventura.

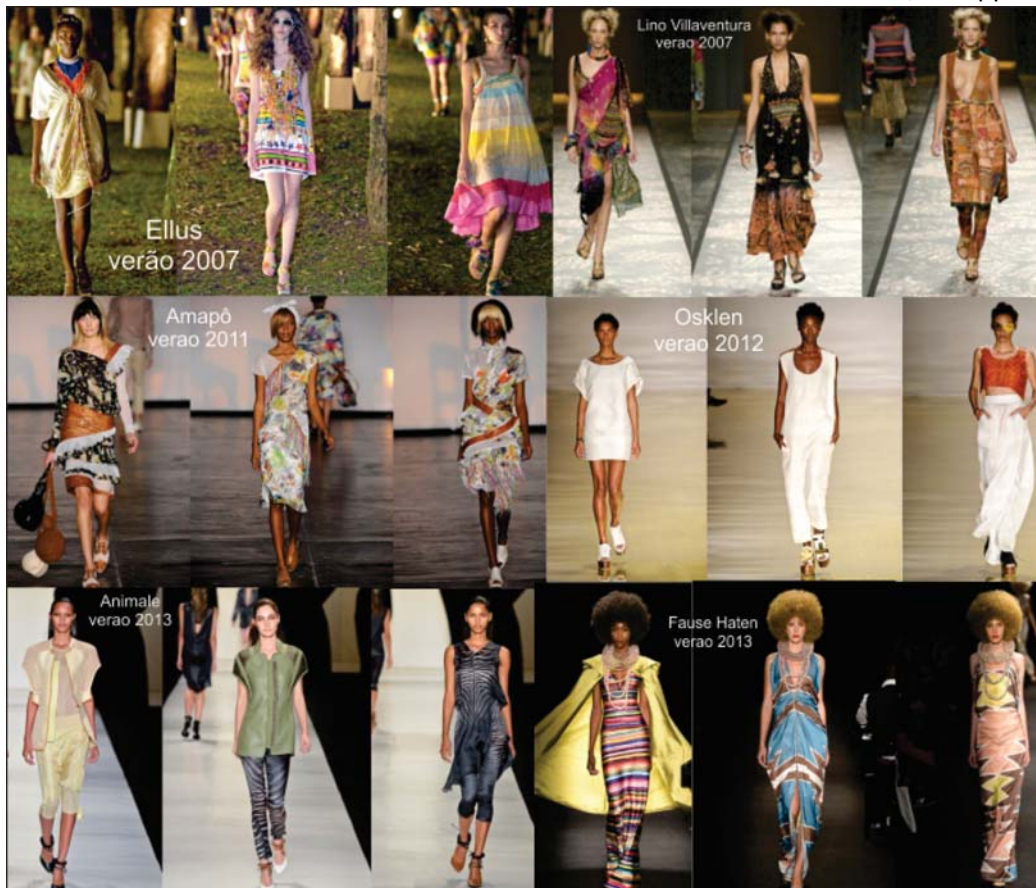


Figura 2: Desfiles do SPFW de 2007 à 2013 com influencias étnicas.
Fonte: Elaborado pelo autor^{iv}

Como observamos na figura 2, a coleção da marca Ellus no verão do ano de 2007 apresenta muitos modelos com estampas e amarrações que remetem à África. No mesmo verão o estilista Lino Villaventura, busca elementos de tribos africanas e faz uma coleção com grande riqueza de detalhes em todas as peças apresentadas.

Em algumas coleções, como a da Ellus e as do estilista Fause Hatén, observamos a referência às contas. Para Factum (2008, p.8) o uso de contas ou miçangas na África é utilizado como “símbolo de beleza, riqueza ou posição social, para proteção e cura, para indicar uma adesão religiosa, como sinais de fases da vida e como indicador de identidade grupal”. E continua dizendo que “aqui no Brasil o uso das contas é preservado pelas mulheres negras mesmo nas situações em que elas pretendem, o mais fortemente possível, se aproximarem dos padrões brancos de vestir” (FACTUM, 2008, p.9).

A referência africana na moda brasileira ficou por um tempo esquecida, somente apareceram como elementos secundários nas passarelas, como cabelo ou acessório.

No verão do ano de 2011 a marca Amapô faz uma coleção com estilo afro-brasileiro trazendo ainda alguns elementos do ritmo maracatu de origem negra.

A marca Osklen retrata a África em sua coleção do verão de 2012, onde e faz um tributo à estética negra e suas influencias na cultura brasileira.

No ano seguinte, o verão de 2013 o tema aparece em duas coleções, a marca Animale que retrata não tanto a cultura africana, mas coloca as savanas em suas estampas.

A marca Fause Hatén não utilizou o estilo afro-brasileiro nas roupas, mas trouxe para as passarelas no verão de 2013 além da referência às contas nos acessórios, como já vimos em outra coleção, o estilo de cabelo black power que tem origem na cultura negra.

Nas imagens dos desfiles analisados observamos diversos elementos que constituem a arte africana, segundo Bargalló (2008) são características comuns da arte africana elementos ornamentais do próprio corpo. “É uma arte eminentemente simbólica, geométrica, abstrata e frontal, distanciada, portanto, das formas realistas” (BARGALLÓ, 2008, p.68).

Ao observarmos os desfiles apresentados, podemos considerar decisivo o papel da indústria da moda na inserção social dos negros, para que eles possam se enxergar cumprindo papéis sociais que não sejam as de trabalhadores braçais, domésticas, jardineiros ou criminosos, por exemplo. É a visão que o negro tem do mundo que eles projetam para si.

Araujo (2011 p.13) tratando das questões raciais afirma que os preconceitos étnicos e raciais contra um indivíduo ou coletividade podem provocar como efeito a sua confirmação efetiva, pois os seres humanos são suscetíveis de serem influenciados pelos julgamentos que os outros realizam sobre eles.

Segundo Fry (2002) as considerações estéticas são fundamentais para compreender as peculiaridades da situação racial no Brasil. Ainda mais se levarmos em consideração o momento atual da moda e da produção de imagens, incluindo publicidade, dramaturgia e cinema.

É importante ressaltar os profissionais que atuam no desenvolvimento de peças com inspiração afro-brasileira. Podemos citar dentre eles as estilistas focadas na moda afro-brasileira, Goya Lopes e Fátima Negrann, que atuam a bastante tempo na área. O trabalho dessas estilistas é voltado para a concepção de produtos com

inspiração africana e brasileira, resultando em peças com cores vibrantes, rica em detalhes onde os principais elementos abordados na concepção da moda afro-brasileira emanam da música, dança, religião, enfim da mistura de informações como apresentado na figura 3.



Figura 3: Desfile da grife Didara de Goya Lopes 2011
Fonte: Elaborada pelo autor^v

De fato o mercado nacional de moda vem crescendo e se destacando, porém, o segmento dedicado à moda afro-brasileira ainda precisa ser mais explorado, principalmente considerando que, segundo a SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos), no Brasil 51% da população é formada por negros. Esse fator é determinante para fazer maiores apontamentos de como a cultura africana se reflete na moda brasileira e como a moda é assimilada pela população negra, não somente tratando de temas em coleções, mas como um segmento consolidado do mercado de moda brasileiro.

Conclusão

Após a análise dos desfiles feitos desde o ano 2000, podemos observar que a cultura afro-brasileira vem sendo explorada por diversos estilistas, visto que o primeiro desfile que apresentou tais características foi no ano de 2003, desde então as marcas trazem alguns elementos da cultura africana inserindo na moda

brasileira, podendo concretizar o fato de que a moda afro-brasileira é economicamente viável. Ainda assim muitos têm a ideia de que esta referência por ter matriz africana é algo folclórico, o que não é a realidade, pois na concepção das peças o olhar é voltado para o cotidiano. Pode-se observar que entre as marcas analisadas, apesar de buscarem referências na cultura em questão, nenhuma delas é voltada especificamente ao público afro-brasileiro, mostrando assim que existe uma fatia disponível no mercado, pouco explorada e com grande potencial econômico.

Apesar de existirem profissionais que se dedicam exclusivamente a moda afro-brasileira, esta, ainda se mostra pouco valorizada principalmente pelos notáveis eventos de moda, que estão concentrados no eixo Rio-São Paulo.

A mídia é outro fator importante na divulgação e aceitação de produtos, portanto é fundamental que a moda afro-brasileira aos poucos ganhe espaço e visibilidade.

Ao longo dos anos, os negros ganham lugar no mercado brasileiro em novelas, capas de revistas, comerciais, desfiles e editoriais de moda. Porém, ainda hoje o poder econômico da população negra é abaixo da média, e a porcentagem de negros ocupando a classe alta também. As mudanças ocorridas não foram suficientes para que se esboçasse outro modelo racial na análise do mercado de consumo brasileiro, mesmo reconhecendo os inúmeros avanços da questão racial no país.

Portanto é determinante fazer maiores apontamentos da moda que tem caráter cultural, como é a moda afro-brasileira, e assim tornar esse setor fortalecido como diversas outras marcas já estabelecidas no mercado nacional.

Bibliografia

ARAUJO, Marivânia C. Para a produção de material didático destinado ao ensino de história da África e da cultura afro-brasileira. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11, 2011. Salvador. Anais... Salvador, 2011.

BARBOSA, Livia. Sociedade de Consumo. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Passo-a-passo; 49.

BARGALLÓ, Eva. Atlas Básico de História da Arte. Trad. Ciro Mioranza; Rev. técnica Ricardo de Albuquerque. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

FACTUM, Ana Beatriz Simon; História do Design no Brasil: contribuição negra. In: Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. Afro-descendente: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000. 188p.

FRY, Peter. Estética e política: Relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. IN: Goldenberg, Mirian (org.). Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, Rio de Janeiro: Record, 2002.

JARDIM, Drielly. Palmares Fundação Cultural, 2012. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/2012/04/seminario-pretende-mostrar-o-potencial-da-moda-afro-brasileira/>. Acesso em: 06/09/2012

JONES, Sue Jenky. Fashion Design: manual do estilista. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MCCRACKEN, Grant. Cultura e Consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAE- revista de administração de empresas, vol. 47, n.1, jan-mar 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v47n1/a14v47n1.pdf> Acesso em 10/09/2012.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAE- Secretaria de Assuntos Estratégicos. Disponível em: <http://www.sae.gov.br/site/?p=11130> Acesso em: 08/09/2012.

SOUZA, M^a da Graça Maiole de. A Penca de Balangandãs: origem, usos e significados. Maringá: 2011.

ⁱ Lenço utilizado pelas muçulmanas que cobre a cabeça

ⁱⁱ A roupa no sistema que hoje conhecemos pronta para vestir, ou seja, produzida e comercializada em larga escala

ⁱⁱⁱ Imagens disponíveis em:

Walter Rodrigues/2003: <http://ffw.com.br/desfiles/sao-paulo/verao-2003-rtw/walter-rodrigues/>

Andre Lima/2005: <http://www.cosacnaify.com.br/noticias/andrelima.asp>

Isabela Capeto/2005: <http://moda.terra.com.br/spfw2005verao/interna/0,,OI329804-EI3774,00.html>

Fause Hatén/2005: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45194.shtml>

Huis Clos/2005: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45183.shtml>

André Lima/2006: <http://moda.terra.com.br/spfw2006inverno/interna/0,,OI843885-EI6124,00.html>

^{iv} Imagens disponíveis em:

Ellus/2007: <http://chic.ig.com.br/moda/noticia/ellus-verao-2007>

Lino Villaventura/2007:

<http://estilo.uol.com.br/moda/spfw/2007/verao/ultnot/2006/07/16/ult3902u170.jhtm>

Amapô/2011: <http://ffw.com.br/desfiles/sao-paulo/verao-2011-rtw/amapo/1199/colecao-completa>

Osklen/2012: <http://elle.abril.com.br/desfiles/spfw/spfw-verao-2012/osklen-verao-2012-spfw/#image=4f4fc77fb6a44375fa000064>

Animale/2013: <http://ffw.com.br/desfiles/sao-paulo/verao-2013-rtw/animale/750569/review>

Fause Hatén/2013:

<http://elle.abril.com.br/desfiles/spfw/spfw-verao-2013/fh-por-fause-haten/#image=4fd699b3865be214a4000eef>

^v Imagem disponível em: <http://dentrodavitrine.blogspot.com.br/2011/04/dragao-fashion-2011.html>